



GT 10 – Informação e Memória

ISSN 2177-3688

SOBRE COISAS E OBJETOS: REFLEXÕES SOBRE CULTURA MATERIAL, MEMÓRIA E DOCUMENTO

ON THINGS AND OBJECTS: REFLECTIONS ON MATERIAL CULTURE, MEMORY AND DOCUMENT

Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro – Museu de Astronomia e Ciências Afins
José Mauro Matheus Loureiro – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O trabalho consiste em uma revisão de literatura inspirada nas ideias de Tim Ingold, que reflete sobre as noções de coisa e objeto como opostas e critica o conceito de materialidade como tratado pelos estudos de cultura material. Analisa e discute a visão de Ingold e suas potenciais implicações nos estudos que relacionam informação, memória e cultura material, e que abordam objetos/coisas como documentos. Elabora uma síntese do argumento de Ingold, cujas ideias são colocadas em diálogo com diferentes autores. Aborda os conceitos de matéria, materialidade, coisa e objeto a partir de Ingold e de estudiosos da cultura material como Daniel Miller, Christopher Tilley, Andrew Jones e Susan Pearce. Aborda a relação entre cultura material, memória e documento. Discute o uso dos termos coisa e objeto como distintos e como sinônimos em diferentes campos, em particular na ciência da informação, sublinhando as reflexões sobre documento. Ainda em diálogo com Ingold, discute e sintetiza a noção de objeto como documento sob os pontos de vista de autores como Paul Otlet, Suzanne Briet, W. Boyd Rayward e Michael Buckland.

Palavras-chave: cultura material; memória; objeto; coisa; documento.

Abstract: The work presents a literature review inspired by the ideas of Tim Ingold, who reflects on the notions of thing and object as opposing and criticizes the concept of materiality as treated by material culture studies. Ingold's perspective and its potential implications for studies that relate information, memory and material culture are analyzed and discussed, as well as reflections on objects/things as documents. The text elaborates a synthesis of Ingold's argument, whose ideas are put into dialogue with different authors. The concepts of matter, materiality, thing and object are treated based on Ingold and material culture scholars such as Daniel Miller, Christopher Tilley, Andrew Jones and Susan Pearce. The relationship between material culture, memory and document is addressed. The use of the terms thing and object as distinct and synonymous in different fields, particularly in information science, is discussed, highlighting reflections on documents. Also in dialogue with Ingold, the notion of object as a document is discussed and synthesized from the points of view of authors such as Paul Otlet, Suzanne Briet, W. Boyd Rayward and Michael Buckland.

Keywords: material culture; memory; object; thing; document.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce de inquietação provocada por um instigante artigo em que Tim Ingold (2012) propõe a substituição da “noção estabelecida de ‘objeto’” em favor da “noção de ‘coisa’, porosa e fluida, perpassada por fluxos vitais, integrada aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente” (Ingold, 2012, p.25). A distinção entre coisa e objeto é baseada (de modo “frouxo”, segundo o próprio autor) na fenomenologia de Heidegger, para quem “o objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas” enquanto a coisa “é um ‘acontecer’, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (Heidegger *apud* Ingold, 2012, p.29).

No mesmo texto, Ingold acusa de reducionista a literatura sobre agência material que, a seu ver, retira as coisas dos processos vitais ao pensá-las como objetos, e propõe também o abandono do conceito de materialidade conforme abordagem de Tilley (2004) em favor dos fluxos de materiais, cujas linhas devem ser seguidas.

Inspirado nos escritos do artista Paul Klee (1879-1940) e suas considerações sobre o processo criativo, Ingold critica o “modelo hilemórfico”, baseado em Aristóteles, para quem a criação de alguma coisa supõe a junção de forma (*morphé*) e matéria (*hyle*). Como resultado da persistência desse modelo, firmemente enraizado no pensamento ocidental, a matéria é vista como inerte, e submetida a um agente que lhe impõe uma forma com um fim em mente. O propósito do autor é “derrubar o próprio modelo, e substituí-lo por uma ontologia que dê primazia aos processos de formação ao invés do produto final, e aos fluxos e transformações dos materiais ao invés dos estados da matéria” (Ingold, 2012, p.26).

O objetivo do texto que se segue é, assim, refletir sobre as ideias de Ingold e as possíveis implicações para os estudos que relacionam informação, memória e cultura material e à admissão de objetos (ou coisas?) como documentos. Uma busca na Base de Dados do ENANCIB (BENANCIB)¹ confirma a constância de temas como objeto e cultura material em trabalhos apresentados no evento, inclusive o GT 10 (Informação e Memória).

Ao nos debruçarmos sobre a relação memória/cultura material, recorreremos a Krzysztof Pomian (2000) e Christopher Tilley (2006). Para o primeiro, “toda a memória é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada” (Pomian, 2000, p.507). Na mesma direção, Tilley (2006, p.24, tradução nossa)

¹ <https://cip.brapci.inf.br/benancib>

sublinha que “o esquecimento do passado é um processo inevitável a menos que traços materiais sejam preservados”².

2 PERCORRENDO AS LINHAS SEGUIDAS POR INGOLD

Esta seção busca destacar algumas das linhas percorridas por Ingold, ressaltando as implicações sobre estudos que relacionam memória, cultura material e objetos (ou coisas). Cabe ressaltar que o propósito deste texto não é desqualificar as reflexões de Ingold, que parte de uma perspectiva fenomenológica, mas sim enfatizar a importância dos estudos de cultura material, em especial no que se refere a questões relacionadas à memória, e ainda defender o uso dos termos coisa e objeto como sinônimos em estudos sobre documento no âmbito da Documentação / Ciência da Informação. Nosso argumento será retomado na seção 3, que apresenta as considerações finais.

Ingold resume seu argumento em cinco elementos, que buscamos contemplar nesta seção:

- “[...] o mundo em que habitamos é composto não por objetos, mas por *coisas* [...]”;
 - *vida* é entendida como “capacidade geradora de campo englobante de relações dentro do qual as formas surgem e são mantidas no lugar. [...] a atual ênfase da literatura na agência material é consequência de uma redução de coisas a objetos, e da sua consequente ‘retirada’ dos processos vitais.”;
 - “[...] esse foco nos processos vitais exige que abordemos não a materialidade enquanto tal, mas os fluxos de *materiais*”;
 - “[...] o movimento para esse caminho é criativo [...]”;
 - “[...] os caminhos ou trajetórias através dos quais a prática improvisativa se desenrola não são conexões, nem descrevem relações entre uma coisa e outra. Elas são linhas *ao longo das quais* as coisas são continuamente formadas”.
- (INGOLD, 2012, p.27, grifos do autor)

O conceito de materialidade, como se vê acima, é rejeitado por Ingold - que *defende sua substituição* pela análise do fluxo dos materiais - e defendido por Tilley (2004) no livro *The Materiality of Stone*. Na obra, Tilley apresenta uma análise do significado cultural e

² No original: “past is conceived of as an inevitable process that takes place on its own accord unless the material traces are preserved”.

natural da pedra em paisagens européias pré-históricas. Para Ingold, “as propriedades dos materiais, consideradas constituintes de um ambiente, não podem ser identificadas como atributos fixos e essenciais das coisas, mas sim processuais e relacionais” (Ingold, 2007, p.14). Prosseguindo sua argumentação, Ingold aponta o caráter contraditório do título do livro, que remete ao conceito de materialidade, e não à pedra como material.

Esse paradoxo, afirmo, continua a permear os estudos da cultura material, convertendo as propriedades dos materiais na materialidade das coisas. O meu apelo, neste artigo, é simplesmente que invertamos esta tendência, e voltemos a levar os materiais a sério, pois é a partir deles que tudo é feito.³ (INGOLD, 2007, p.14, tradução nossa)

A resposta de Tilley é publicada no mesmo número do periódico *Archaeological*

Dialogues:

Eu realmente saúdo o artigo de Tim Ingold porque os debates intelectuais sobre o significado e valor da cultura material ou as tentativas de teorizar formas materiais são comparativamente raros em oposição à massa de literatura que discute categorias particulares de coisas. Em seu artigo, ele sistematicamente se opõe a um conceito de materialidade (aparentemente desprovido de valor) ao estudo de materiais que, em contraste, ele sugere, pode levar a novos insights e entendimentos. Não considero essa suposta oposição muito útil. De fato, acredito que ela possa ter um efeito conservador e reacionário em relação aos estudos da cultura material, o que, sem dúvida, é contrário às intenções de Ingold.⁴ (Tilley, 2007, p.16-17)

Não é nosso objetivo neste momento aprofundar o debate entre Ingold e Tilley além das citações acima, mas apenas registrá-lo como um ponto para reflexão e futuras pesquisas.

Para Ingold, os estudos de cultura material reproduzem as premissas do já modelo hilemórfico, mencionado na introdução. Para reforçar seu argumento, o autor cita uma passagem de Daniel Miller (1998), a quem se refere como um dos nomes mais destacados no campo dos estudos de cultura material, afirmando que seu objetivo é “restaurar a vida num mundo que tem sido efetivamente morto nas palavras de teóricos para quem – nos termos de um de seus porta-vozes mais proeminentes – o caminho para a compreensão e para a

³ No original: This paradox, I contend, continues to permeate studies of material culture, converting the properties of materials into the materiality of things. My plea, in this article, is simply that we should reverse this trend, and once more take materials seriously, since it is from them that everything is made.

⁴ No original: I really welcome Tim Ingold's paper because intellectual debates about the meaning and significance of material culture or general attempts to theorize material forms are comparatively rare as opposed to the mass of literature discussing particular categories of things. In the paper he systematically sets out to oppose a concept of materiality (apparently worthless) to the study of materials which, in contrast, he suggests, may lead to many new insights and understandings. I do not find this supposed opposition all that helpful. Indeed I believe that it may have a conservative and reactionary effect in relation to studies of material culture which is no doubt contrary to Ingold's intentions.

empatia está ‘**naquilo que as pessoas fazem com os objetos**’’. (Ingold, 2012, p.26, grifo nosso)

O trecho grifado acima foi extraído do capítulo “*Why some things matter*”, de Miller (1998) que introduz a obra “*Material Cultures*”, organizada e editada pelo mesmo autor, e que é citada a seguir, com a finalidade de contextualizar a citação de Ingold apresentada acima.

A possibilidade de estudos da cultura material não reside no método, mas sim no reconhecimento da natureza da cultura, tal como entendida por teóricos como **Simmel**. Nós, como acadêmicos, podemos buscar a compreensão e a empatia por meio do **estudo do que as pessoas fazem com os objetos**, porque é dessa forma que as pessoas que estudamos criam um mundo de prática. Como argumentou Simmel, os valores humanos não existem senão por meio de sua objetificação em formas culturais.⁵ (Miller, 1998, p.19, tradução nossa, grifo nosso)

Para fazer justiça e melhor compreender a visão de Miller sobre os estudos de cultura material, é necessário recorrer ao entendimento de cultura tal como a abordada pelo filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918), a quem cita e no qual se baseia. Tal como Ingold, Simmel (1968) fala em “fluxo da vida” e afirma que é possível falar em cultura “sempre que a vida produz certas formas nas quais se expressa e se realiza: obras de arte, religiões, ciências, tecnologias, leis e inúmeras outras. **Essas formas envolvem o fluxo da vida** e fornecem conteúdo e forma, liberdade e ordem”⁶ (p.11, tradução nossa, grifo nosso). A oposição entre forma e vida é ressaltada por Simmel quando observa que “a vida como tal não tem forma, mas gera incessantemente formas”, razão pela qual “está sempre em oposição latente à forma”⁷ (p.12) e reafirma em uma nota final ao ensaio que “a vida é a antítese da forma”⁸ (p.26). (Simmel, 1968, p.12,26)

Vale enfatizar que as ideias de Simmel, por sua vez, não parecem se afastar muito das do artista Paul Klee que, como foi mencionado na introdução a este trabalho, inspirou as

⁵ No original: “The possibility of material culture studies lies not in method, but rather in an acknowledgement of the nature of culture, as understood by theorists such as Simmel (e.g. 1968). We as academics can strive for understanding and empathy through the study of what people do with objects, because that is the way the people that we study create a world of practice. As Simmel argued, human values do not exist other than through their objectification in cultural forms.”

⁶ No original: “We speak of culture whenever life produces certain forms in which it expresses and realizes itself: works of art, religions, sciences, technologies, laws, and innumerable others. These forms encompass the flow of life and provide it with content and form, freedom and order”.

⁷ No original: “Life as such is formless yet incessantly generates forms for itself. As soon as each form appears, however, it demands a validity which transcends the moment and is emancipated from the pulse of life. For this reason, life is always in a latent opposition to the form.”

⁸ No original: “life is the antithesis of form”.

reflexões de Ingold. Na obra *“The Conflict of Modern Culture”*, fruto de uma palestra de Simmel publicada em 1918, ano de sua morte, o autor analisa “as características peculiares da era moderna na revolta contra o domínio das formas no campo das ideias, das artes e da filosofia”⁹. (Etzkorn, 1968, p.4, tradução nossa)

Embora não seja possível afirmar que Klee tenha sido leitor de Simmel, cabe destacar que os escritos do artista foram produzidos no período de 1921 a 1931, em que lecionou na Bauhaus. Em seu primeiro caderno, Klee discorre sobre a importância do processo criativo e sua rejeição às formas acabadas, destacada por Ingold:

Gostaria agora de considerar as dimensões do objeto sob uma nova luz e tentar mostrar por que o artista frequentemente chega ao que parece ser uma “distorção” arbitrária das formas naturais. Em primeiro lugar, ele não vê tanta importância nas formas naturais como o fazem os muitos realistas que criticam. Ele dá menos importância a essas realidades, porque não é nessas formas acabadas que ele vê o cerne do processo criativo natural. Ele está mais preocupado com os poderes formativos do que com as formas acabadas.¹⁰ (Klee, 1969, p.92, tradução nossa)

Em outra passagem Klee deixa ainda mais claras as relações entre forma acabada/morte e formação/movimento/vida:

Assim, a forma nunca pode ser considerada como solução, resultado, fim, mas deve ser considerada como gênese, crescimento, essência. A forma como fenômeno é uma quimera perigosa.

Forma como movimento, como ação é uma coisa boa, forma ativa é boa. A forma como descanso, como fim, é ruim. A forma passiva e acabada é ruim. A formação é boa. A forma é ruim; a forma é o fim, a morte. Formação é movimento, ato. Formação é vida.¹¹ (Klee, 1969, p.169, tradução nossa)

A distinção entre as noções de coisa e objeto é provocativa e inspiradora. Ela implica, por exemplo, em repensar o conceito de documento emanado das reflexões de Paul Otlet, Suzanne Briet e neodocumentalistas que retomaram a discussão nas últimas décadas do século XX. Cabe mencionar, entretanto, que essa distinção não é compartilhada por estudiosos da cultura material e mesmo por autores de outros campos do conhecimento.

⁹ No original: “We find Simmel analyzing the peculiar characteristics of the modern era in the revolt against the rule of forms in the realm of ideas, arts and philosophy.”

¹⁰ No original: “I should now like to consider the dimensions of the object in a new light and try to show why the artist often arrives at what seems to be an arbitrary ‘distortion’ of natural forms. First of all, he does not see such store by natural forms as do the many realists who criticise. He sets less store by these realities, because it is not in these finished forms that he sees the crux of the natural creative process. He is more concerned with the formative powers than with the finished forms.”

¹¹ No original: “Thus form may never be regarded as solution, result, end, but should be regarded as genesis, growth, essence. Form as phenomenon is a dangerous chimera. Form as movement, as action is a good thing, active form is good. Form as rest, as end, is bad. Passive, finished form is bad. Formation is good. Form is bad; form is the end, death. Formation is movement, act. Formation is life.”

Em sua “Teoria da Coisa”, Bill Brown (2001) destaca a transparência do objeto em contraste com a opacidade da coisa.

À medida que circulam por nossas vidas, olhamos através dos objetos (para ver o que eles revelam sobre a história, a sociedade, a natureza ou a cultura - acima de tudo, o que eles revelam sobre nós), mas apenas vislumbramos as coisas. Olhamos através dos objetos porque existem códigos pelos quais nossa atenção interpretativa os torna significativos, porque existe um discurso de objetividade que nos permite usá-los como fatos. Uma coisa, ao contrário, dificilmente pode funcionar como uma janela.¹² (Brown, 2001, p.4, tradução nossa)

Brown observa que só percebemos objetos como coisas quando eles deixam de nos servir, quando seu funcionamento é interrompido, ainda que momentaneamente. Ressalta também a ambiguidade da palavra coisa, que serve para contornar o esquecimento ou suprir a falta de outras palavras. O autor recorre a Heidegger, para quem “é a palavra inglesa ‘thing’ que preserva o ‘poder semântico’ da palavra romana *res*, ou seja, sua capacidade de designar um caso, um assunto, um evento”¹³. (Heidegger *apud* Brown, 2001, p.5, tradução nossa).

Em um estudo que trata da relação entre memória e cultura material, Andrew Jones (2007) observa que “as coisas são intersticiais ao processo de reprodução social”. Na obra, o autor usa indiscriminadamente os termos coisa e objeto, embora o termo objeto seja mais presente em seu texto:

A força mediadora e constitutiva dos **objetos** na sociedade é o foco central da minha discussão. Como as pessoas agem sobre os **objetos** e como se considera que os **objetos** afetam as ações sociais são preocupações primordiais. Para entendermos a reprodução social, precisamos saber como as pessoas se envolvem com **objetos** e como, e de que maneira, os **objetos** são usados como mediadores pelas pessoas. Uma análise do papel da memória nesses processos é, portanto, fundamental para a forma como descrevemos a sociedade e definimos o que tradicionalmente denominamos cultura. Estou interessado não apenas em ‘como as sociedades se lembram’, mas também em como as **coisas** ajudam as sociedades a se lembrar.¹⁴ (Jones, 2007, p.4-5, tradução nossa, grifo nosso)

¹² No original: As they circulate through our lives, we look through objects (to see what they disclose about history, society, nature, or culture-above all, what they disclose about us), but we only catch a glimpse of things." We look through objects because there are codes by which our interpretive attention makes them meaningful, because there is a discourse of objectivity that allows us to use them as facts. A thing, in contrast, can hardly function as a window.

¹³ No original: "I should add that Heidegger believes that it is the English word thing that has preserved the "semantic power" of the original Roman word *res*, which is to say its capacity to designate a case, an affair, an event."

¹⁴ No original: "The mediatory and constitutive force of objects on society is a central focus of my discussion. How people act on objects and how objects can be considered to affect social actions are paramount concerns. In order that we understand social reproduction, we need to know how it is that people engage

A mesma indistinção entre coisa e objeto é observada em outros autores, dentre os quais Daniel Miller (2013). Em um capítulo intitulado “Teoria das Coisas”, incluído em seu livro “Troços, trechos e coisas” o termo objeto é adotado como sinônimo de coisa, como é demonstrado nas citações a seguir:

A palavra cultura nos diz que as sociedades elaboram o que são e o que fazem de muitas maneiras. Pelo parentesco, pelo ritual e também pelos **objetos**. (MILLER, 2013, p.75, grifo nosso)

Objetos materiais são um cenário. Eles nos conscientizam do que é apropriado e inapropriado. Nos dizem que isso é um casamento, aquilo é uma atividade impura. Mas funcionam de modo mais efetivo quando não olhamos para eles, quando apenas os aceitamos. (Miller, 2013, p.78, grifo nosso)

Na mesma obra, Miller refere-se ao argumento que denomina “Humildade das Coisas”: “[...] A conclusão surpreendente é que os **objetos** são importantes não porque são evidentes e fisicamente restrinjam ou habilitem, mas justo o contrário. Muitas vezes, é simplesmente porque não os vemos”. (Miller, 2013, p.78, grifo nosso)

Para Miller, é exatamente essa invisibilidade, ausência de questionamento e consciência sobre os objetos o que permite que se constituam como cenário. “Elas [as coisas] funcionam porque são invisíveis e não mencionadas, condição que em geral alcançam por serem familiares e tidas como dadas. [...] Os **objetos** obscurecem seu papel e parecem irrelevantes.” (Miller, 2013, p.79, grifo nosso)

Assim como Miller, Susan Pearce usa os termos coisa e objeto como sinônimos. Em um texto intitulado “*Thinking about things*” (“Pensando sobre Coisas”), ela observa que “**objetos** incorporam informação única sobre a natureza do homem na sociedade”.¹⁵ (Pearce, 1994, p.125, tradução nossa, grifo nosso)

No campo da Ciência da Informação, a “redescoberta” das obras de Paul Otlet e Suzanne Briet no final do século XX incentivou o debate em torno do objeto como documento. Na introdução a uma coletânea de ensaios de Paul Otlet, W. Boyd Rayward (1990) enfatizou sua importância na constituição de um campo ao qual, em 1903, denominou “documentação”, dedicado não apenas a documentos escritos e gráficos, mas igualmente a objetos, em virtude de seu valor documental.

with objects and how, and in what manner, objects are used to mediate for people. An analysis of the role of memory in these processes is therefore key to how we describe society and define what we traditionally term culture. I am interested in not only ‘how societies remember’ but also how things help societies remember”.

¹⁵ No original: “Objects embody unique information about the nature of man in society”.

Ao propor a noção de informação-como-coisa¹⁶, Buckland (1991) não distingue os termos objeto e coisa, que emprega como sinônimos: “a literatura da ciência da informação concentrou-se estreitamente em dados e documentos como recursos de informação. Mas isso é contrário ao senso comum. Outros **objetos** também são potencialmente informativos”.¹⁷ (BUCKLAND, 1991, p.354, tradução nossa, grifo nosso)

A indistinção entre os dois termos é também observada no Tratado de Documentação publicado em 1934, no qual Otlet enfatiza:

O documento escrito ou gráfico é a representação das **coisas** materiais ou imagens intelectuais e abstratas das **coisas**. As próprias **coisas** materiais (**objetos**) podem ser entendidas como documentos quando são construídas como elementos sensíveis, de estudo direto, ou provas de uma demonstração. (Otlet, 2018, p.337, **grifo nosso**)

Michael Buckland (1997) salientou igualmente a contribuição de Otlet, e, sobretudo, da documentalista francesa Suzanne Briet, que a seu ver deu um passo à frente na ampliação do conceito ao admitir na categoria documento coisas/objetos de diferentes naturezas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE ANTÍLOPES E PEDRAS QUE ROLAM

A título de considerações finais voltamos ao artigo de Ingold que inspirou este trabalho:

[...] Tropeço numa pedra no meio do caminho. Com certeza, você talvez diria, a pedra é um objeto. Mas ela só o é se nós a extraímos do processo de erosão e deposição que a levou até aquele lugar, e lhe conferiu seu presente tamanho e forma. Uma pedra que rola, diz o provérbio, não junta musgo. Mas no próprio processo de juntar musgo, a pedra em repouso torna-se uma coisa; por outro lado, **a pedra que rola – como um seixo na correnteza de um rio – torna-se uma coisa no ato mesmo de rolar.** (Ingold, 2012, p.29-30, grifo nosso)

Destacamos o trecho acima para colocá-lo em diálogo com a reflexão de Briet sobre o conceito de documento.

Uma estrela é um documento? Um seixo rolado pela correnteza é um documento? Um animal vivo é um documento? Não, mas são documentos as fotografias e os catálogos de estrelas, as pedras de um museu de mineralogia, os animais catalogados e expostos em um zoológico. (Briet, 2016, p.1)

Briet não reflete sobre coisas ou objetos, mas sobre documentos. Ao reconhecer que ela levou à frente a ampliação do conceito de documento iniciada por Otlet no campo da

¹⁶ No original: “information-as-thing”.

¹⁷ No original: “The literature on information science has concentrated narrowly on data and documents as information resources. But this is contrary to common sense. Other objects are also potentially informative”.

Documentação, Buckland refere-se a outros tipos de objetos não vislumbrados por Otlet em seu Tratado: animais vivos, preservados em um zoológico, animais mortos empalhados e preservados em um museu de história natural, pedras levadas para um museu de mineralogia, onde são preservadas e estudadas.

Para Ingold, a pedra no rio é uma coisa viva, enquanto para Briet ela adquire uma nova vida como documento ao ser levada para um espaço de preservação e produção de conhecimento, onde será estudada e processada. A pedra é simultaneamente um objeto e um documento, e dá início a um ciclo gerador de novos documentos.

A despeito da valiosa contribuição de Ingold, que distingue os conceitos de coisa e objeto a partir de uma perspectiva fenomenológica inspirada em Heidegger, entendemos que essa distinção não se aplica aos estudos de cultura material. Tampouco se aplica às reflexões sobre documento inauguradas por Paul Otlet no âmbito do Movimento da Documentação e retomadas nas últimas décadas do século XX por autores da Ciência da Informação.

Os estudos de cultura material tratam coisas como objetos de estudo, razão pela qual a distinção faz pouco ou nenhum sentido nesse campo. O mesmo ocorre nas reflexões e práticas sobre e com documentos: o processamento transforma coisas em documentos e, portanto, em objetos. Tal como nos dicionários e na linguagem cotidiana, o uso dos termos coisa e objeto como sinônimo faz nesse caso todo sentido.

Abordar coisas/objetos como documentos implica em reconhecer sua capacidade de se relacionar com o passado (Pomian, 2010). Por meio da comparação entre objetos/coisas do presente e do passado (preservadas em coleções) “o tempo adquire espessura pouco a pouco e, ao mesmo tempo, formam-se, através de uma mesma série de operações, a memória coletiva e o documento/monumento que se torna seu suporte” (Pomian, 2000, p.510).

Tal como a pedra na correnteza, o animal vivo em seu habitat não é um documento. Em seu célebre exemplo do antílope vivo (uma coisa, diria Ingold), Briet discorre sobre sua transformação em documento em um zoológico, e depois de morto e empalhado, em um objeto / documento em um museu. Vistos pela perspectiva de Ingold, objetos estão mortos. Propomos, entretanto, que há vida em uma coleção. O processamento dá ao animal assim como à pedra (mortos, diria Ingold) uma sobrevida.

REFERÊNCIAS

BRIET, Suzane. **O que é a documentação?** Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2016.

BROWN, Bill. Thing Theory. **Critical Inquiry**, v.28, n.1, p.1-22, 2001.

BUCKLAND, Michael. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v.42, n.5, p.351-360, 1991.

BUCKLAND, Michael. What is a “document”? **Journal of the American Society for Information Science**, v.48, n.9, p.804-809, 1997.

ETZKORN, K. Peter. Georg Simmel: An introduction. In: SIMMEL, Georg. **The conflict in modern culture and other essays**. New York: Teachers College Press, 1968. p.1-10.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, ano 18, n.37, p.25-44, jan./jun. 2012.

JONES, Andrew. **Memory and Material Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KLEE, Paul. **Notebooks**. The thinking eye. London: Lund Humphries; New York: George Witteborn, 1969.

MILLER, Daniel. Teoria das Coisas. In: _____. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p.66-118.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MILLER, Daniel. Why some things matter. In: _____. (org.). **Material Cultures: Why some things matter**. London: UCL Press, 1998. p.3-21.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação: o livro sobre o livro - Teoria e prática**. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2018.

PEARCE, Susan. Thinking about things. In: _____. (org.). **Interpreting objects and collections**. London: Routledge, 1994. p. 125-132.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000. v.42 (Sistemática), p.507-516.

RAYWARD, w. Boyd. Introduction. In _____. (org.). **Selected Essays of Paul Otlet**. Amsterdam, New York, Oxford, Tokio: Elsevier, 1990.

SIMMEL, Georg. The conflict in modern culture. In: _____. **The conflict in modern culture and other essays**. New York: Teachers College Press, 1968. p.11-26.

TILLEY, Christopher. Introduction: Identity, Place, Landscape and Memory. **Journal of Material Culture**, v. 11, n. 1, p. 7–32, 2006.

TILLEY, Christopher. Materiality in materials. **Archaeological Dialogues**, v. 14, n. 1, p. 16-20, 2007.

TILLEY, Christopher. **The materiality of stone**. Oxford: Berg, 2004.